

## Entrevista de José da Silva Lopes: o apoio das ajudas comunitárias em Portugal (Lisboa, 23 Outubro 2007)

**Source:** Interview de José da Silva Lopes / JOSÉ DA SILVA LOPES, Miriam Mateus, prise de vue : François Fabert.- Lisbonne: CVCE [Prod.], 23.10.2007. CVCE, Sanem. - VIDEO (00:09:49, Couleur, Son original).

**Copyright:** Transcription Centre Virtuel de la Connaissance sur l'Europe (CVCE)  
All rights of reproduction, of public communication, of adaptation, of distribution or of dissemination via Internet, internal network or any other means are strictly reserved in all countries.  
Consult the legal notice and the terms and conditions of use regarding this site.

**URL:**

[http://www.cvce.eu/obj/entrevista\\_de\\_jose\\_da\\_silva\\_lopes\\_o\\_apoio\\_das\\_ajudas\\_comunitarias\\_em\\_portugal\\_lisboa\\_23\\_outubro\\_2007-pt-3d450cde-aa21-4bcf-8a51-e03ab7fa73co.html](http://www.cvce.eu/obj/entrevista_de_jose_da_silva_lopes_o_apoio_das_ajudas_comunitarias_em_portugal_lisboa_23_outubro_2007-pt-3d450cde-aa21-4bcf-8a51-e03ab7fa73co.html)



**Last updated:** 04/07/2016

## Entrevista de José da Silva Lopes: o apoio das ajudas comunitárias em Portugal (Lisboa, 23 Outubro 2007)

[Miriam Mateus] Quando falamos do desenvolvimento dos pequenos países e comparamos frequentemente o exemplo de Portugal com o da Irlanda, voltando ligeiramente atrás, sabemos que ambos os países beneficiaram de ajudas comunitárias, principalmente do Fundo de Coesão. Na sua opinião, em que medida é que a Irlanda cresceu mais rapidamente do que Portugal? Acha que, como disse também, Portugal talvez não tenha utilizado as ajudas de que dispôs da melhor forma?

[José Silva Lopes] Bem, isso não pode ser explicado só em termos de ajudas. Quer dizer, realmente a Irlanda recebeu muitas ajudas da Comunidade e até talvez em termos proporcionais mais do que Portugal, mas não pode ser explicado em termos de ajudas. Eu creio que a Irlanda utilizou melhor as ajudas do que nós, mas isso é discutível. Quer dizer, nós, como sabe, temos hoje uma rede de auto-estradas que, ao pé das irlandesas... os Irlandeses morrem de inveja. Os Irlandeses não fizeram auto-estradas, só agora é que estão a fazer algumas. Mas fizeram capital humano, quer dizer, educaram a população. Para já tinham uma população mais educada do que a nossa, sempre tiveram. Têm mais capital humano, mais especialistas disto, daquilo e daqueloutro. Fizeram uma melhor opção do que nós.

Nós também gastámos muito dinheiro em formação, mas pelos vistos gastámos mal. E como é sabido, Portugal é nos 27 países provavelmente o país com menos capital humano *per capita*. É uma tristeza, mas é verdade. Portanto, logo aí, os Irlandeses levaram uma vantagem em relação a nós, mas não se pode explicar só por isso. Quer dizer, os Irlandeses tiveram a partir de certa altura governos com coragem de impor medidas, digamos, de política económica mais correctas do que as nossas. Nós temos tido governos... tirando agora, eu acho que o actual Governo está, pela primeira vez nos últimos 30 anos, a tomar algumas medidas. Mas mesmo assim toda a gente o ataca todos os dias e, em meu entender, se eu o pudesse atacar também atacava, mas era por não estar a fazer o suficiente, não era por estar a fazer demais. Mas enfim, também sei que eles não fazem mais porque não podem, porque é difícil, não se consegue também governar contra toda a população. E eles, enfim, apesar de tudo, têm tido bom sucesso e bom acolhimento da população.

Mas, quer dizer, nós temos mantido uma política de facilidades e então, nomeadamente, dependemos muito do crédito externo. E a nossa grande política contínua a endividar-nos, até ver onde isto vai parar. De maneira que, a nossa política económica tem muito que se lhe diga. Não houve rigor suficiente, em parte porque a população quer assim, mas a população não percebe que, se não forem impostos mais sacrifícios e mais disciplina, o futuro será pior do que é de outra maneira. Não se percebeu cá em Portugal e o Governo não tem coragem de fazer isso.

Na Irlanda, houve coragem para fazer isso. Houve para lá uns ministros das Finanças, cujos nomes aliás eu devia saber e não conheço, mas que fizeram reformas extraordinariamente duras e que explicaram isso. Portanto, a Irlanda tem sobre nós algumas vantagens: teve políticas económicas mais correctas, incluindo as primeiras políticas de aproveitamento dos recursos da Comunidade; tem uma grande vantagem de ter a língua inglesa, atraíram muitas empresas americanas que vão para a Irlanda por causa da língua inglesa; e principalmente o facto da Irlanda ser muito reconhecida nos Estados Unidos por causa dos seus emigrantes. Os emigrantes dos Estados Unidos, os Irlandeses no passado, eram considerados gente cá de baixo, mas hoje já têm prestígio, dantes não tinham mas agora têm. E tudo isso contribuiu portanto para que... E além disso os Irlandeses – eu não devia estar a dizer isto, mas enfim, tem que se dizer – fizeram alguma batota, em meu entender – não se pode dizer isto, se calhar eu não devo dizer isto –, mas fizeram competição fiscal que favorece muito a ida de empresas para a Irlanda. Portanto os Irlandeses oferecem facilidades fiscais que os outros países não oferecem, o que distorce a concorrência. Mas enfim, eu aí sou muito crítico da União Europeia por deixar que estas coisas se façam, mas isso, enfim, há várias escolas económicas nesse aspecto.

E portanto, tudo isso contribuiu para que este «boom» irlandês se tenha verificado. Em Portugal era impossível verificar isso. Também há factores de sorte, como sabe, há as chamadas modas: um país entra na moda e de repente vai tudo para aquele país, o país cai de moda e deixa-se de ir para aquele país. Portugal ainda teve um bocadinho na moda no fim da década de 1980, mas depois passou rapidamente. Bem, também

porque a gente não ajudou a moda, porque não basta ter moda, é preciso ter produtos de boa qualidade.

[Miriam Mateus] Com o alargamento da União Europeia aos países de Leste, portanto, à Europa central e oriental em 2004, as ajudas comunitárias para Portugal também vieram a diminuir. Como é que Portugal se preparou para este alargamento? Acha que os fundos comunitários são agora geridos de outra forma?

[José Silva Lopes] Eu, mais uma vez, não punha o acento essencialmente nos fundos comunitários. Os estudos que se tinham feito antes do alargamento mostravam que Portugal era o país da União Europeia que ia ser prejudicado. E o que esses estudos diziam é verdade, aliás via-se à vista desarmada. Portugal tinha sucesso na União Europeia porque tinha mão-de-obra mais barata do que os outros países e, portanto, para certas indústrias, quer dizer, para indústrias muito sofisticadas, não vale a pena ter mão-de-obra barata, mas para outras vale. Se quer ter uma companhia química de medicamentos altamente sofisticada, provavelmente vale a pena ir para a Irlanda porque há mão-de-obra especializada nisso, não vale a pena vir para Portugal por mais barata que seja a nossa mão-de-obra. Até porque a gente não tem os especialistas químicos que eles têm e se tivermos se calhar são tão caros como os deles.

Agora, a Europa de Leste tem a vantagem de oferecer mão-de-obra ainda mais barata do que a nossa e muitas vezes de melhor qualidade, primeira coisa. Segunda coisa, a Europa de Leste tem uma situação geográfica mais favorável do que nós. Não nos esqueçamos que a Polónia e a República Checa estão ao lado da Alemanha, de Poznan a Berlim é mais perto do que Lisboa a Madrid, até se calhar do que de Lisboa a Badajoz. Ora bem, primeiro que a gente chegue à Alemanha, já viu a distância. Portanto, eles têm uma vantagem geográfica fabulosa em relação a nós; têm mão-de-obra muito mais barata, têm mão-de-obra que é bastante mais qualificada do que a nossa em média, embora tenham algumas desvantagens em relação a nós em certas técnicas comerciais, mas eles já a ganharam nos últimos 15 anos.

Eles roubaram-nos muito mercado, o alargamento para nós foi extremamente negativo, como também foi a globalização. Porque a Europa dantes estava fechada à China, à Índia, a Taiwan, hoje é aberta a eles todos e portanto nós, neste momento, a nossa concorrência já não é com os Polacos, nem com os Romenos – os Romenos, então, esses ainda nos fazem pior –, a nossa concorrência já não com os Romenos, a nossa concorrência é com os Chineses e com os Paquistaneses e isso é um problema. Nós não tivemos capacidade e temos muita dificuldade em fazer um *upgrade* da nossa produção para fazermos como os Suecos. Os Suecos até querem comprar mais no Paquistão, porque aquilo que o Paquistão fabrica já os Suecos não querem fabricar há muitos anos. Os Suecos, o que fabricam, são coisas que os Paquistaneses não sabem fazer e que compram lá. E em Portugal, infelizmente, nós ainda não temos disso. No dia em que tivermos produtos para oferecer aos Paquistaneses, que eles nos queiram comprar e vender-nos em compensação os têxteis deles, ótimo. Nós estamos a progredir alguma coisa nisso, vamos lá ver, eu não quero parecer inteiramente negativo.

Portugal está a progredir um bocado, nós estamos a perder cota de mercado nos produtos têxteis de má qualidade, mas estamos a ganhar alguma coisa nos de boa qualidade. Nós, no calçado, no calçado barato estamos arrumados, estamos a conquistar posições no calçado alto e principalmente estamos a ter posições melhores em produtos de alguma sofisticação tecnológica. Agora, é pouco ainda, mas as nossas dificuldades vêm daí. Portanto, a globalização e o alargamento causaram-nos grandes problemas. É claro que os recursos, no fundo é a sua pergunta, os fundos comunitários passaram a ser distribuídos por mais sem terem sido alargados, portanto aumentaram o número de países interessados em receber e o montante é mais ou menos o mesmo, ou aumentou pouco, nós estamos condenados a receber menos. Eu acredito que nós melhorámos um pouco o esquema de distribuição, mas eu volto a dizer que os fundos comunitários são importantes mas não são o essencial.